

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS FACULDADE DO ESPORTE ESEFFEGO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DÉBORA ANDRADE DA SILVA

**PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E A FORMAÇÃO DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO**

GOIÂNIA

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS FACULDADE DO ESPORTE ESEFFEGO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

DÉBORA ANDRADE DA SILVA

PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

Trabalho final de curso apresentado na forma de monografia, como exigência curricular para obtenção do certificado de professor licenciado em Educação Física pela FACULDADE DO ESPORTE ESEFFEGO/UEG, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Nívea Maria Silva Menezes.

GOIÂNIA

2019

DÉBORA ANDRADE DA SILVA

PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES
DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO

Trabalho Final de Curso apresentado em _____ de _____ de _____, aprovado
pela Banca Examinadora constituída pelos membros:

Prof.^a Dr.^a Nívea Maria Silva Menezes - Orientadora

Prof.^a M.^a Conceição Viana de Fátima – Parecerista

Prof. Me. Renato Coelho – Convidado

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que alimenta os meus sonhos e a minha fé na Sua glória e poder.

Agradeço a minha família, que nos pequenos e grandes atos me ajudou a estar concluindo esta graduação e que sem a união deles eu não estaria chegando ao final desta fase da minha vida.

Agradeço a minha orientadora Nívea Maria Silva Menezes, que me orientou com seu profissionalismo e competência, sempre ajustando a minha visão acerca deste trabalho que produzimos.

Agradeço aos amigos do curso, com certeza fizeram muita diferença e sempre me deram força para concluir esta etapa.

Agradeço aos colegas que conheci durante a graduação, que através da colaboração de todos podemos usufruir de um companheirismo que sempre vou guardar comigo.

Agradeço aos professores e funcionários da universidade, que foram gentis e nos auxiliaram em vários momentos que precisamos do serviço público oferecido por eles.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Deus, dono de tudo que sou e que me ama como filha incondicionalmente. A minha mãe Elza e a minha irmã Halana, que sempre oram e lutam por mim com todo o seu amor, sendo mulheres guerreiras e acreditando nos sonhos que Deus tem para nós.

RESUMO

O presente trabalho se insere no contexto das Práticas Corporais Alternativas como a Yoga, o Tai Chi Chuan, o Reiki e a meditação; buscou compreender como as mesmas se desenvolvem no curso de Educação Física. O Interesse surgiu a partir da participação enquanto aluna de iniciação científica em uma pesquisa já finalizada sobre políticas de esporte e lazer na cidade de Goiânia e por notar que possivelmente a comunidade acadêmica e os profissionais da Educação Física na cidade de Goiânia não desenvolvem intervenções com frequência no campo destas práticas, levando em conta a ausência destes nos espaços em que acontecem as PCA's. Dessa forma, tivemos como objetivo geral identificar como as PCA's se inserem na graduação do curso de Educação Física; e como objetivos específicos: identificar qual parâmetro os estudantes da área utilizam para a escolha de seu pretense campo de atuação profissional; investigar se o curso fornece conhecimento sobre as PCAs em sua matriz curricular e atividades oferecidas na universidade; e entender como a ESEFFEGO se apropria dessa possível área de intervenção profissional. O percurso metodológico se deu a partir de uma aproximação com o paradigma materialista histórico dialético com uma abordagem qualitativa, contendo ida a campo para dialogar com os sujeitos que constituem a Educação Física academicamente na ESEFFEGO. Por meio de aplicação de questionário semiaberto com acadêmicos de 7º e 8º períodos de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás, verificamos que o campus não disponibiliza de maneira intencional e constante a vivência para que os alunos conheçam estas práticas.

Palavras-chave: *práticas alternativas; Goiânia; educação física; universidade; formação.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I - PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E SEUS DESDOBRAMENTOS NO BRASIL	9
1.1 O que são as Práticas Corporais Alternativas?	9
1.2 Contexto Histórico das PCA's no Brasil.	12
1.3 Yoga no Brasil, uma introdução das PCA's advindas da Europa	13
1.3.1 "Gandhi do Cerrado"	15
CAPÍTULO II - A FORMAÇÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS.	16
2.1 A disseminação das PCAs nos campos profissionais.	16
2.2 A relação da comunidade acadêmica da Educação Física da ESEFFEGO com as PCAs.	18
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: COM A PALAVRA OS SUJEITOS DA PESQUISA	22
Categorização	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
APÊNDICE	33

INTRODUÇÃO

A partir de uma pesquisa de iniciação científica realizada anteriormente na ESEFFEGO, sobre as Práticas Corporais Alternativas, desdobramento do projeto de pesquisa: O Cultivo das Práticas Esportivas, Atividades Físicas e de Lazer na Cidade de Goiânia: Itinerários de uma Memória Recente, e ao observar os espaços em que ocorrem as práticas holísticas na cidade de Goiânia foi possível constatar que a maioria das pessoas que atuam como professores nessas práticas têm formação superior ou técnica em diversas áreas de atuação diferentes entre si e não relacionadas ao corpo.

Este fato chamou atenção devido à ausência de professores de Educação Física atuando nesses espaços pesquisados, o que, era esperado que encontrássemos. Desta forma e voltando o olhar para a universidade, percebemos que as Práticas Corporais Alternativas (PCA's) não têm a mesma atenção que outras práticas ou modalidades pesquisadas pela comunidade acadêmica da Educação Física, de maneira institucional, como campo possível de apropriação da nossa área e muito menos, tendencialmente, a intenção dos acadêmicos de explorá-la profissionalmente. Essa percepção da realidade suscitou questionamentos acerca da não apropriação da Educação Física com maior constância de atuação neste campo.

É importante ressaltar que a presença dos demais profissionais, que não são da área da Educação Física, não se configura nesse estudo como uma crítica. Entretanto, esta pesquisa busca entender de que maneira esta área, cujo objeto de estudo e trabalho é o movimento e o corpo, explora as PCA's holísticas na formação acadêmica e conseqüentemente repercute entre os profissionais da educação física em atuação.

Considerando os apontamentos expostos acima, lançamos a pergunta: É possível que as PCA's tenham maior alcance, enquanto campo de intervenção a ser melhor explorado pela comunidade acadêmica do curso de Educação Física na cidade de Goiânia?

Para tanto, temos como objetivo geral compreender como as PCA's se desenvolvem no curso de Educação Física no Campus ESEFFEGO. E como objetivos específicos: identificar qual parâmetro os estudantes de Educação física utilizam para a escolha de seu pretenso campo de atuação profissional; investigar se o curso fornece conhecimento sobre as PCAs em sua matriz curricular e atividades oferecidas na universidade; e por último, entender em que medida a Educação Física se apropria dessa possível área de intervenção profissional.

Para compreendermos melhor a realidade das PCA's, buscamos uma aproximação do objeto a partir do método materialismo histórico dialético, no intuito de desvendar e

interpretar os dados históricos da vida em sociedade do homem. O tema da pesquisa pode ser contemplado por esta abordagem, em vista que envolve elementos que foram transformados durante o desenvolvimento histórico e científico da humanidade como o sujeito, a educação e o movimento.

Nesses termos, realizamos a aplicação de questionários online via link do Google Formulários com acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física na ESEFFEGO do 7º e 8º período. No total de 4 turmas, dos turnos matutino e vespertino, cerca de 60 alunos receberam o convite para responder a pesquisa. A escolha de estudantes que estão nos últimos períodos, se deve ao fato dos mesmos terem experienciado mais da metade do curso e nesse sentido poderem contribuir com dados mais substanciais para o que queremos captar acerca do objeto investigado.

No primeiro capítulo abordamos o contexto em que as PCAs foram inseridas no ocidente até chegar à cidade de Goiânia e como se deu esse desenvolvimento juntamente com as transformações que ocorreram na sociedade a partir da década de 1950, levando em conta que estas práticas foram divulgadas em grande escala no país e no mundo. Também foi dado início à discussão das PCAs e sua relação com a Educação Física, voltada para a realidade da ESEFFEGO.

No segundo capítulo foi discutida a atuação profissional das PCAs em si, como ocorreu sua disseminação e em que medida a atual formação para atuar nas mesmas se encaixa na formação de professores da educação física na universidade. Também apresentamos possibilidades de inserção deste conteúdo no campus, em vista da demanda que o campus oferece aos alunos durante graduação.

No terceiro capítulo analisamos os dados coletados a partir das questões que buscamos responder com este trabalho, bem como, realizar uma interlocução dos resultados com o referencial teórico utilizado acerca do tema. Por meios destes dados, constatamos a falta de uma abordagem consistente do conteúdo das PCA's na ESEFFEGO e os fatores, expostos nas respostas dos sujeitos, que impossibilitam incluir estas práticas durante a graduação no curso de Educação Física.

CAPÍTULO I

PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E SEUS DESDOBRAMENTOS NO BRASIL

Neste primeiro capítulo descrevemos o contexto histórico em que as Práticas Corporais Alternativas desembarcaram e foram inseridas no Brasil, as mudanças pelas quais o mundo do trabalho e lazer vinham passando com os reflexos da Revolução Industrial e crescente desenvolvimento urbano.

Pensando a cidade de Goiânia, ressaltamos como se desenvolveu, em território brasileiro, o processo de propagação da yoga, como “prática precursora” das PCA’s na capital. As PCA’s entram nesse contexto, pelo fato de serem de origem oriental praticada no tempo de lazer da sociedade ocidental, principalmente a Yoga, que abriu caminho para outros meios de trabalhar a filosofia holística.

E por fim, abordamos quais os conteúdos e projetos que mais se aproximam das PCAs estariam sendo oferecidos pela Universidade Estadual de Goiás – Campus ESEFFEGO, pensando em uma formação de profissionais que teriam oportunidade de conhecer este campo antes de se inserirem no mundo do trabalho como graduados.

1.1 O que são as Práticas Corporais Alternativas?

As Práticas Corporais Alternativas fazem parte de um movimento que se contrapõe aos valores culturais a partir de meados de 1950. Desde então a valorização para com a sensibilidade e individualidades do ser humano esteve presente nessa reformulação cultural dentro das PCA’s, que permitiu ao sujeito ter uma diferente percepção do corpo e de si próprio dentro da sociedade. O método alternativo se difere dos métodos ginásticos tradicionais da época que tinham cunho competitivo, mecanicista, repetitivo e buscavam, em primeira instância, um ótimo desempenho do corpo. Diante disto, acerca do que as PCA’s desenvolvem:

As PCA’s propõem a vivência e a experimentação do movimento, a autonomia, a autorregulação, a autopercepção, a tomada de decisões em busca de melhor qualidade de vida, o saber dosar esforços e o saber respeitar e valorizar a individualidade e a pluralidade (TERRA, 2013, p. 22).

Neste sentido, fica claro o papel destas práticas no sentido de romper não somente com as questões que objetificavam o corpo da época, mas também com a ideologia e percepção de si no sujeito, assim como em diversas outras mudanças que ocorreram neste período de revolução. Promovendo por meio das PCA's uma alternativa para os sujeitos que quisessem aderir a outros modos de tratar a corporalidade para além dos espaços formais de exercícios físicos, por exemplo.

Para que fique mais claro para o leitor quais práticas se referem as PCA's e como estas podem se configurar, destacamos abaixo, de forma breve, as características das práticas e técnicas que foram e/ou serão mencionadas neste atual trabalho:

Yoga: “O yoga é, não só uma ciência do Homem, mas também uma visão do mundo e uma via de sabedoria que tem em conta a pessoa humana na sua globalidade corpo e espírito” (CORREIA, p. 5). Isso sugere que se trata de uma prática que une o corpo e mente do sujeito aproximando-o do universo e possibilitando ao mesmo um equilíbrio maior da auto percepção corporal, mental e espiritual, além de relacionamento com o meio e o outro.

Esta prática tem suas variações, sendo a *hatha-yoga* a mais conhecida e praticada no Brasil. A mesma se caracteriza por unir os seguintes elementos: *âsanas* (posturas), *prânâyâmas* (respiração) e a meditação, segundo Oliveira (2009). Cada um destes, tem definições e variações dentro de si que precisam de um estudo aprofundado para o conhecimento.

Tai Chi Chuan: É uma prática com origem chinesa fundada através do conhecimento da ciência da acupuntura e artes márcias, segundo OLIVEIRA (2009). Uma das características são os movimentos inspirados em atributos de animais diferentes. O que fica claro com o movimento do tigre “que precisa ser atacado, golpeado, cavalgado, montado, conduzido, simboliza o ego humano.” (OLIVEIRA, 2009, p. 39). Isso mostra que o Tai chi é uma prática que envolve o despertar da inteligência corporal do homem ocidental, logo que através de seus movimentos são exigidos força, flexibilidade e principalmente equilíbrio, os quais serão possíveis se a mente do sujeito estiver em sintonia com o corpo.

Reiki: O Reiki é conhecido como uma terapia complementar e também se configura como medicina alternativa segundo a Organização Mundial de Saúde (Souza, 2012 *apud* Nogueira 1986) e é muito utilizada pelos profissionais da enfermagem a fim de amenizar dores em pacientes que passam por tratamentos médicos rigorosos. Segundo Souza:

O Reiki é considerado uma forma de terapia baseada na manipulação da energia vital (ki) através da imposição das mãos com o objetivo de restabelecer o equilíbrio vital e, assim eliminar doenças e promover saúde. (SOUZA, 2012, p. 2)

Como o Reiki tem origem no Japão, tem fundamentos na sua filosofia oriental e seus princípios. O mesmo engloba uma ciência energética, já que é uma técnica que utiliza da harmonização dos chakras que ficam posicionados da base da coluna até o alto da cabeça.

Considera-se que esta técnica foi fundada por Misao Usui, que viajou por China, Japão e Europa para fundamentar o Reiki, que logo mais foi estruturado por Chujiro Hayashi que não concordava com o fato do terapeuta reikiano ter sua energia “drenada” quando o mesmo curava os pacientes. Foi disseminado no ocidente por Hawaio Takata nos anos 40 e no Brasil por Claudete Franca, na década de 90.

Thetahealing: Criado por Vianna Stival, a técnica Thetahealing é uma “técnica de cura energética, que usa conceitos da física quântica” (Ballester, 2018, p. 3) promovendo autoconhecimento e combinando ciência e espiritualidade.

Apesar de não ser uma prática, esta terapia é aplicada simultaneamente nos espaços em que acontecem as PCAs na cidade de Goiânia e acabam se relacionando com as mesmas já que é baseada na meditação, um dos fundamentos da yoga.

Antiginástica: Já a Antiginástica tem embasamento no método Mèzieres, que segundo Teixeira (2016) considera as deformações na postura corporal consequência do “encurtamento” dos músculos posteriores. A antiginástica “se utiliza de movimentos sutis e precisos, que respeitam a integridade da estrutura corporal” (TEIXEIRA, 2016, p. 3). Logo, a sua definição mostra aproximação da mesma com outras PCAs, considerando o respeito ao sujeito e suas particularidades.

Foi criada pela fisioterapeuta Thérèse Bertherat que além dos conhecimentos que obteve com Françoise Mezieres, buscou estudar e analisar,

(...) outras terapias corporais: a bioenergética, a eutonia, o rolfing, a gestalt-terapia, a acupuntura, as teorias da medicina chinesa, que vêm completar os conhecimentos de grandes psicanalistas, de Freud a Jung, passando pelos trabalhos de Wilhem Reich. (TEIXEIRA, 2016, p. 3)

Sendo assim, é possível identificar que a antiginástica se relaciona em suas características ideológicas e fisiológicas de outras técnicas e terapias, já que os conteúdos e

teorias levadas em consideração na criação da mesma se fazem presentes no contexto de outras PCAs.

Agora que já se faz mais nítida a ideia do que seriam as práticas corporais alternativas, vamos o contexto histórico das PCAs e o seu desenrolar até que a mesma fosse introduzida na sociedade brasileira.

1.2 Contexto Histórico das PCA's no Brasil.

Por volta da década de 50 o Brasil passou por uma disseminação em massa das atividades holísticas devido as transformações no mundo do trabalho e frequente processo de migração do campo para as cidades à procura de emprego, fazendo com que as mesmas ficassem saturadas.

Gonçalves (2009) comenta que como resultado dessa urbanização a população passou a buscar por opções de lazer dentro e fora das cidades, principalmente fora, onde pudessem se afastar da massa urbana e se aproximar da natureza, uma espécie de “viva o verde” passou a ser “pregado” à sociedade. Diante disso cresceu a quantidade de lugares construídos para se assemelhar à natureza, com muitas árvores e a presença de fontes e lagos, melhorando a paisagem das cidades e oferecendo um local de interação social e prática de exercícios ao ar livre no período de lazer do trabalhador.

Os hábitos da população também foram se modificando para se adaptarem a um estilo de vida saudável em busca de qualidade de vida, influenciando uma rotina com os seguintes costumes:

(...) prática de atividade física respeitando seus limites e necessidades, alimentação adequada, sono de qualidade, bom relacionamento consigo e com os outros, cultivar um ambiente agradável para se viver, cultivar bons pensamentos, entre outras coisas (IMPOLCETTO, 2013, p. 276).

Esta visão holística das práticas corporais alternativas abordada por Impolcetto está presente também na tradição da cultura oriental. Segundo Terra (2013), as “PCA's surgiram no Oriente e são pautadas nos princípios dessa cultura”, e por isso o ocidente se interessou tanto por esta nova filosofia, afinal auxiliava na fuga da rotina e estresse causados pelo trabalho e as novas configurações da sociedade. Porém existe uma pluralidade cultural na origem dessas práticas. Como vários autores europeus também fazem parte desse processo e são os responsáveis por trazer ao ocidente os conhecimentos milenares do outro lado do mundo, os princípios da cultura oriental acabaram influenciando o estilo de vida do mundo

ocidental, quando os mesmos passaram a buscar a medicina alternativa para tratar de casos que a medicina tradicional não resolvia. Como exemplo, temos Wilhelm Reich, que:

(...) trouxe para o seu trabalho a concepção energética presente na medicina oriental, na qual o equilíbrio energético seria muito importante para a vida saudável do indivíduo; logo, tanto a falta quanto o excesso deles são prejudiciais (TERRA, 2013, p. 16).

Esta "concepção energética" que Wilhelm Reich cita, é nada mais nada menos que um dos fundamentos básicos do Reiki, apresentado mais acima no texto. Como as práticas alternativas tem um cunho terapêutico, se levado em conta que os praticantes buscam uma forma de se curarem dos desequilíbrios causados pela sociedade moderna, o Reiki vem complementando esse trabalho através de seus atributos medicinais.

Apesar de termos como referência a cultura oriental nas PCAs, Terra afirma que:

As PCAs são apresentadas como um referencial teórico de uma prática pautada nos princípios e valores universais, além de também incentivar o indivíduo à autonomia, à valorização da inteireza e da integridade (unidade na pluralidade) e à prática consciente e ética. (TERRA, 2013, p. 20)

Diante da colocação dos autores a partir dos elementos das PCAs, entendemos que as mesmas permitem ao praticante dar liberdade às individualidades do corpo e mente de si próprio e do outro e considera-se que o ser humano é um sujeito universal. O mesmo tem uma história e pertence à uma cultura repleta de significados baseados no contexto em que vive, influenciando fortemente em como o corpo irá proceder durante as práticas ou terapias holísticas, que costumam depender do compromisso das pessoas envolvidas consigo mesmas.

Agora que conhecemos um pouco mais sobre o contexto em que as PCAs se inseriram no Brasil e a influência das culturas exercidas sobre as mesmas, no próximo tópico falamos sobre como se deu e por meio de quem este fenômeno chegou e se desenvolveu no estado do Goiás.

1.3 Yoga no Brasil, uma introdução das PCA's advindas da Europa

Para realizar um retrospecto histórico das PCA's no Brasil se faz necessário percorrer a chegada do yoga no país, que segundo Sanches (2014) foi a prática que foi trazida ao ocidente pelo oriente e dela que foram desenvolvidas outras práticas.

Ressaltamos o argumento de Said (1990), que fala sobre a influência do ocidente na tradução da cultura oriental, e essa concepção do autor se torna notável se levado em conta o significado da yoga na Índia e o seu significado aqui no ocidente. Correia concorda com Said quando diz que:

É preciso saber que a difusão do yoga na Europa começou somente nos anos 60. O yoga hoje está na moda. Encontra-se por todo o lado. Se nestes últimos anos ganhou uma larga audiência, permanece contudo, mal conhecido, e arrisca-se a perder as suas riquezas essenciais. (CORREIA, 2010, p. 5)

Isto nos traz a dimensão de que o yoga praticado no ocidente, não é o mesmo da tradição indiana, mas sim adaptado à interpretação europeia que foi propagada ao mundo. Oliveira ressalta ainda que no oriente esta prática se refere à uma filosofia religiosa para “alcançar o deus interno e se livrar do karma, da roda sucessiva de reencarnações” (OLIVEIRA, 2009, p. 3) e que já no ocidente o yoga não está relacionado a adoção de alguma religião e tem caráter mais terapêutico para combater ou prevenir o estresse, promover bem-estar físico e mental, dentre outros vários motivos mais particulares pelos quais as pessoas buscam esta prática.

Os indianos que trouxeram esta prática ao ocidente mostravam necessidade de transmitir, de maneira mais aproximada, a verdadeira filosofia do yoga. Aliás, esse pensamento é comum entre vários precursores de diferentes práticas alternativas, como exemplo de Therese Bertherat que, de acordo com Bertherat (1987), era bastante criteriosa ao aceitar aprendizes interessados em trabalhar com a antiginástica, e preferia uma equipe de profissionais fiéis ao método, a fim de que o mesmo permanecesse original e atingisse os objetivos a que foi proposto.

Caruso (2010) afirma que o francês Leo Alvarez Costet de Mascheville (1901-1970), que atendia pelo codinome Sevananda Swami foi quem iniciou os trabalhos *yogui* no país. Há relatos na sua biografia da jornada pelo território brasileiro a partir de 1953 em nome da Associação Mística Ocidental, pelo qual ensinava Yoga, realizava as terapias holísticas e orientações espirituais.

Outros autores confirmam sua presença ao país em 1924 até o ano de 1943 com o seu trabalho, até que seu pai faleceu e o mesmo retornou ao Uruguai, voltando ao Brasil 9 anos depois para propagar o propósito do Monastério AMO-Pax que seria “unir o pensamento espiritualista do ocidente e do oriente” Sanches (2014), a partir disto podemos reafirmar que a cultura oriental não chegou íntegra ao Brasil, já que influências da ideologia ocidental foram propagadas junto à filosofia do oriente.

Essa aproximação de culturas já teria sido acometida por Vivekananda (Juan Carlos Ovídio Trotta), indiano que escreveu dois volumes de uma obra que compilada no Brasil foi traduzida como *Yoga de Jesus*. Estas informações são relevantes, na medida em que estes sujeitos exercem importantes papéis para a chegada destas práticas no país.

Segundo a biografia de Sevananda Swami, o mesmo serviu como médico militar curando os ferimentos através dos conhecimentos da medicina alternativa transferidos pelo seu pai. Swami afirmava que nunca seria necessário utilizar um fuzil, o que se comprovou verídico. Na obra sobre a vida do francês, consta a presença dele no estado de Goiás. Antes de sua morte Sevananda Swami deixou aos seus discípulos a missão de continuar promovendo a filosofia e as práticas que incentivou em vida:

Seu discípulo mais próximo, Georg Kritikos (Swami Sarvananda), deu continuidade ao seu trabalho com o Yoga, após a morte de seu mestre se estabeleceu em Belo Horizonte, fornecendo vivências e cursos de formação em Sarva Yoga. (SANCHES, 2014, p. 30)

Oliveira (2009) afirma que Swami Sarvananda Kritikos, seguidor de Sevananda Swami, foi quem apresentou o yoga ao Professor Nestor Mota, em Belo Horizonte, e deram continuidade aos estudos em São Paulo.

1.3.1 “Gandhi do Cerrado”

Nestor Mota foi um dos precursores do yoga em Goiás, estudante de Educação Física na ESEFEGO e fundador do Instituto Goiano de Yoga na década de 1970, após o período em que ficou preso na ditadura militar. Aprendeu a prática em São Paulo com seu mestre e aprofundou os conhecimentos dentro da cadeia, onde foi muito eficiente para aliviar as dores e agonia mental que acometia a si e aos colegas, afirma Oliveira (2009). No ano de 2018 foi lançada a biografia intitulada como “Gandhi do Cerrado” que conta a trajetória do professor aprofundando melhor o início da disseminação das práticas corporais alternativas no estado de Goiás.

Vários aspectos, fatos e princípios (alguns apresentados neste trabalho) para as PCAs são importantes para conhecer e explorar este campo. Ao observar as produções sobre o assunto das práticas alternativas, percebemos a importância de como se dá o trabalho dos professores destas, que são os responsáveis por compartilhar estes conhecimentos a seus aprendizes. Falaremos disso no seguinte capítulo explorando pontos importantes dessa regência e relacionando a formação de professores da Educação Física.

CAPÍTULO II

A FORMAÇÃO NAS PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS

2.1 A disseminação das PCAs nos campos profissionais.

A maior parte do processo de dar continuidade ao trabalho das PCA's se deu através de pessoas que tiveram a preocupação em disseminar práticas ou técnicas, para que fosse levado adiante o conhecimento das mesmas a outras pessoas que precisassem da sua utilização.

Parte desta discussão se envereda pelo entendimento da formação para o trabalho especializado, sendo que nas sociedades mais antigas, desde as milenares até as pré modernas, a transmissão do conhecimento se dava, de forma artesanal, de pai para filho, até o seu ápice com a formação das “corporações de ofício. (DRIGO, 2007; RUGIU, 1998 *apud* CESANA, 2011, p. 67)

Como exemplo, o cuidado que citamos, do oriente ensinar ao ocidente os conhecimentos e princípios das práticas milenares. Com base nisso, já fica claro que o início dessa propagação chegou a ser um tanto informal, ocorrendo de pais para seus filhos, de mestres para alunos ou por meio de uma indispensável transmissão cultural através de gerações de um determinado povo. O ato de ensinar se mostra sempre presente, tendo vários professores e mestres protagonizando essa disseminação ao longo da história.

De outro lado, temos também a necessidade da formação científica de professores para atuar nas profissões criadas na sociedade pré-moderna, segundo Cesana (2011). De acordo com os resultados de uma tese de doutorado a capacitação para ensinar práticas e técnicas alternativas é marcada por “uma valorização das experiências práticas em detrimento da necessidade de formação específica de nível superior para a atuação com as PCAs investigadas” (CESANA, 2011, p. 11)

Averiguando aspectos influenciadores da prática dos professores das PCAs, utilizando como exemplo Elsa Gindler e sua aluna Lily Ehrefried, destacamos o fato da prática pedagógica ser relevante para os métodos desenvolvidos, já que os textos mostram a importância que elas davam ao estruturar a prática e ensino desses métodos de terapia e atividade para que fossem transmitidos aos seus alunos da maneira mais original possível.

As mesmas viveram e compartilharam os conhecimentos do método com que trabalhavam em um contexto caótico que envolvia não só o cenário violento de guerras. A

primeira teve seu contato com a educação corporal na Ginástica Harmônica de Hedwig Kallmeyer e assim que concluiu sua formação passou a ministrar aulas no ano de 1912.

Mendonça (2000), identifica Gindler como pedagoga autodidata, e em muitos trechos do livro é presente a importância que era dada à prática pedagógica, algo que não era presente no que se conhecia como educação física na época. “Elsa Gindler encontrou na educação física um terreno fértil para suas pesquisas” (MENDONÇA, 2000, p. 24).

Já Lily Ehrefried, aluna de Gindler e uma das criadoras da ginástica holística era uma profissional interdisciplinar, como afirma Mendonça (2000). Isso é explicado pelo fato da mesma ser profissional na área da saúde, formada em enfermagem e medicina, conhecimentos que em conjunto aos adquiridos com sua professora, possibilitou a criação do seu próprio método. A mesma leva em conta fatores como a pedagogia, biomecânica e a relação comportamento-respiração na aplicação de seu método.

Ambas tratavam com grande relevância a prática pedagógica utilizada nas suas aulas, ofereciam cursos para formação de profissionais e utilizavam também de recursos da psicanálise a ginástica corporal para a estruturação de seu trabalho. Porém os métodos ginásticos tradicionais se diferiam do método holístico, pois tinham caráter e davam importância e sentido diferente ao corpo e seus movimentos.

É notável que a “formação artesanal” das PCA’s apontada por Cesana (2011) mais uma vez se torna verdadeira a partir da história e origem da maioria das práticas alternativas. Digamos que, apesar das PCAs estarem no mundo há mais tempo que a formação científica, a universidade e as profissões da sociedade moderna, elas mantêm sua dinamização do conhecimento, prática e ensinamentos bastante próximos à maneira em que seus precursores conduziam.

O período de desenvolvimento desses métodos coincide com o período de guerras e na obra de Mendonça (2000) podemos ter conhecimento de relatos de momentos difíceis em que Gindler por exemplo, passou com seus alunos e como suas aulas eram uma forma de resistência camuflada e apoio aos que sofriam pelas consequências causadas pelo caos mundial. Logo, entende-se que o método desenvolvido poderia ser utilizado como um auxílio ajudando a atravessar o contexto de guerras em que se encontravam.

No ocidente, desde o princípio as PCA’s se mostram em favor da medicina, educação corporal, psicanálise, artes, etc. Daí, já percebemos que essas práticas nunca pertenceram unicamente a uma única área profissional, sendo assim, se trata de um trabalho multiprofissional que é desenvolvido através de conhecimento de várias ciências. Além disso

vemos que a formação de professores desse campo alternativo nunca necessitou de uma pré-formação como educador físico, médico ou artista. Ressaltamos ainda que:

Gindler preferia dar aulas a pessoas formadas em outras áreas a trabalhar com aquelas já formadas em alguma ginástica. Não desejava confundi-las nem fazê-las perder o pé, pois fazer aulas com ela significava recomeçar do zero, desde o princípio. (MENDONÇA, 2000, p. 87).

Isso sugere o que já foi dito, sobre não haver necessidade de um conhecimento predisposto para buscar capacitação nestas práticas. Destacamos os sujeitos presentes na posição de professores nesses campos e a não necessidade de ter alguma formação, como a educação física, referente ao conteúdo na maioria dos cursos oferecidos.

Agora abordamos, mais especificamente a formação de professores e capacitação para atuar com as PCAs na atualidade.

2.2 A relação da comunidade acadêmica da Educação Física da ESEFFEGO com as PCAs

A Educação Física é uma área com variedade de campos profissionais para atuação do professor. A mesma oferece durante a graduação dos seus profissionais várias oportunidades de vivenciar diferentes esportes e práticas, na especificidade da ESEFFEGO, esta vivência tem o objetivo de:

(...) durante toda a sua formação, a apropriação de competências necessárias para atuação profissional, possibilitando assim, em situações de dificuldades mais complexas que eles possam constatar, refletir e compreender os diferentes contextos que envolvem as relações sociais no interior do trabalho capitalista e propor intervenções a partir dos conhecimentos científico-acadêmicos adquiridos. (PPC ESEFFEGO, 2015, p. 66).

No curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Goiás Campus ESEFFEGO, os alunos têm sua formação voltada para a área escolar, o que faz com que a matriz curricular e várias atividades das propostas e disponíveis aos alunos na universidade estejam voltadas para esse campo de trabalho.

Dentro da variedade de práticas que a Educação Física tem a seu dispor, a que nos chamou atenção foram as práticas holísticas, nomeadas no presente trabalho como Práticas Corporais Alternativas, levando em conta as práticas orientais, como a yoga e suas semelhantes.

O interesse por esse tema emergiu através de uma pesquisa que teve as práticas holísticas e terapêuticas como objeto de estudo. Isso fez com que nos perguntássemos o porquê de não termos conhecido estas atividades na atual matriz curricular da licenciatura em Educação Física, levando em conta que até mesmo escolas estão abordando estas práticas na Educação básica e há algumas universidades pelo país que tem uma influência muito forte das PCAs, como a UNESP - Rio Claro, no estado de São Paulo, por exemplo.

Neste sentido, refletimos sobre a ausência de algum meio de vivenciar as PCAs por parte da universidade para, no mínimo, conhecermos as práticas alternativas orientais, o que se considera um déficit, já que é um campo a mais de possibilidades para trabalharmos atualmente até mesmo no ambiente escolar, após a formação e também é um recurso que é utilizado a universidade através dos serviços prestados pela universidade à comunidade.

A ESEFFEGO é uma universidade que tem um legado e muita história. Por volta de 1973 a professora Elzi Nascimento era responsável pela disciplina de Yoga, que era destinada às “aulas femininas”. Estas mesmas aulas foram frequentadas por uma atual professora do campus, como aluna da graduação na época. A mesma faz parte do projeto da UNATI, que era direcionado à comunidade da terceira idade:

O Programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Universidade Estadual de Goiás reúne um conjunto de ações que buscam promover trabalhos envolvendo o processo de envelhecimento em seus múltiplos aspectos (biológico, cultural e social), criando espaços de integração e divulgação de conhecimento científico para os 53 idosos, bem como para os acadêmicos envolvidos no Programa de Extensão. Outro objetivo da UNATI/UEG é fomentar o desenvolvimento do ensino e da pesquisa com foco na terceira idade, e contribuir com o processo de produção de conhecimento dos discentes como também das discussões da área para incrementar os diversos trabalhos com idosos e a qualidade de vida dessa população. (PPC ESEFFEGO, 2015, p. 52).

Logo, este projeto, se tratou de uma oportunidade para os estudantes do campus vivenciarem o ensino destas práticas com idosos e darem início à pesquisa científica através deste campo que a faculdade, inclusive ainda oferece, pois mesmo após o fim da UNATI, as aulas do projeto continuam sendo ministradas no campus.

O que é relevante quanto à este projeto é que a professora que coordena, ministra aulas de yoga para as idosas e abre espaço para alunos da universidade que tenham interesse em atuar como monitores nas aulas. Sendo esta, uma comprovação prática de que a universidade oferece à comunidade o acesso às práticas alternativas e que essas são atividades que provocam interesse na população, quando oferecidas, levando em conta a demanda que as aulas de yoga do Yoga para Idosos atende.

Logo, as PCA's têm uma enorme possibilidade de inserção nas atividades da ESEFFEGO, faltando somente a oferta da universidade, que poderia oferecer aos alunos algum núcleo livre, por exemplo, para atender os interessados em conhecer este campo.

A comunidade acadêmica e profissional da Educação Física conhece muito bem o histórico da sua área e como, por muito tempo, trabalhou com o corpo o considerando apenas o desempenho esportivo e tecnicista do mesmo. E para que no trabalho com a educação física tradicional fossem introduzidos outros conteúdos que fossem diferenciados da prática “pautada na execução e demonstração das habilidades técnicas ou capacidades físicas” (RANGEL-BETTI, 1998 *apud* COLDEBELLA, 2004, p. 117) de dar abertura à outras práticas entrarem no “leque” da área, foi e ainda se faz necessário ampliar as possibilidades durante a graduação dos professores de Educação Física.

No Brasil, para que alguém trabalhe como instrutor de yoga é necessário que faça um curso de capacitação que geralmente não é gratuito e se mostra pouco acessível, em vista de não ser comum encontrarmos anúncios de ofertas para esses cursos. Em geral, para a maioria das PCAs é preciso que o profissional disponha de tempo, dinheiro e disponibilidade de cursos para investir na sua capacitação, que é oferecida fora da universidade.

Além disso, não é necessário que se tenha algum curso como pré-requisito para se inserir nestas aulas, exceto em caso de profissionais que farão a partir do 2º módulo, se necessário. Isso faz com que o público alvo para profissionais destas áreas seja amplo, já que não cobram que se tenha uma formação específica como enfermagem, fisioterapia ou educação física para atuar nesse campo profissional.

No entanto, levando em conta o tempo em que os acadêmicos passam na faculdade, para que a mesma oferecesse algum curso de introdução ou capacitação, precisaria ter uma disciplina ou projeto específicos para este conteúdo.

O objetivo geral do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFFEGO é:

Oportunizar uma formação humana ampla no campo da Educação Física, possibilitando aos seus egressos um aporte teórico-metodológico que reflita e atue criticamente sobre as contradições da realidade social almejando transformar/superar as problemáticas que envolvem a atuação docente no mundo do trabalho. (PPC, 2015, p. 17).

Com isso, entende-se que a proposta é estimular o pensamento crítico e transformação da sociedade por parte dos alunos através dos conhecimentos teóricos e práticos adquiridos durante a graduação e vivências no campo da Educação Física.

Dentre as disciplinas dispostas na matriz direcionadas ao conhecimento e vivência de algumas práticas, temos Dança, Lutas, Atletismo, Futebol, Basquete, dentre outras práticas que conhecemos durante a graduação.

No Campus ESEFFEGO da UEG não identificamos a oferta que sugiram o ensino de conteúdo introdutório para interagir com as PCAs, consideradas neste atual trabalho. Apesar das práticas esportivas já considerarem o sujeito como uma totalidade do corpo e mente no espaço escolar, o esporte continua sendo esporte e seus princípios competitivos e voltados ao desempenho ainda estão presentes.

Além disso, algumas escolas por muito tempo foram lugares onde só era oferecido o “quarteto fantástico”¹ em maior escala. Porém, a educação escolar vem sendo modificada e algumas práticas ganhando espaço. Em alguns casos temos até mesmo as PCAs sendo utilizadas nas aulas de Educação Física, como na rede municipal de Goiânia.

Diante da realidade abordada, e para fins de argumentações cientificamente aceitas, se fez necessária a pesquisa em campo com os sujeitos dos quais a realidade foi discutida até então. O seguinte capítulo traz a análise e discussão dos dados, que foram realizadas a partir da coleta de dados com base nos objetivos e indagações que esta monografia se propôs a alcançar e responder.

¹ Nome dado por professores da Educação Física, aos esportes mais utilizados como conteúdo da Educação Física escolar brasileira: Futebol, Vôlei, Basquete e Handebol.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS: COM A PALAVRA OS SUJEITOS DA PESQUISA

O presente capítulo trata das questões trazidas pelo questionário, que foram traçadas a partir dos objetivos do trabalho por meio da análise dos dados coletados durante o período em que o mesmo foi produzido. Considerando o levantamento acerca do tema abordado, a coleta utilizada teve como objetivo analisar o nível de interação que os acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da ESEFFEGO tiveram com as PCA's durante a sua graduação.

Nosso intento foi refletir sobre a ausência da abordagem acerca das PCAs pela Educação Física para fins de vivência na universidade levando em conta a cidade de Goiânia, que tem vários espaços e ofertas destas práticas. Isso sugere que este campo introduz maiores possibilidades para um professor de educação física atuar na área, inclusive na educação escolar.

Nesses termos, consideramos a necessidade de coletar dados junto aos alunos que estão mais próximos de concluir a graduação, pelo fato de quase todos estarem presentes nos últimos quatro anos do curso. Conseqüentemente os mesmos tiveram maiores oportunidades de acesso às atividades e conteúdos que foram propostos dentro e fora de sala para os estudantes durante esse período, contribuindo para a melhor compreensão do nosso objeto.

A pesquisa realizada contou com a contribuição de alunos de 7º e 8º período do turno matutino e vespertino do curso de Licenciatura em Educação Física da UEG - campus ESEFFEGO. Foram enviados 60 questionários e o total de devolutivas foi de 28 respondidos, os quais foram elaborados e enviados via formulário da plataforma do Google online através do link enviado aos grupos de rede social das turmas.

Nas 4 turmas, sendo 2 delas do 8º período matutino e vespertino e as outras 2 do 7º período matutino e vespertino, têm cerca de 60 alunos em cada uma. Os alunos que não responderam o questionário alegaram que não leem as conversas dos grupos onde foram enviados o link, não terem conseguido acessar o link, falta de tempo, dentre outros motivos.

O link do questionário foi compartilhado em 28 de setembro de 2019 e foi programado para aceitar respostas até o dia 02 de outubro de 2019, sendo assim o questionário ficou disponível para respostas por 5 dias.

Os sujeitos têm idade entre 21 e 41 anos, somente um deles não respondeu a idade. Dentre os 28, 14 são mulheres, 13 homens e 1 respondeu “outros” quanto ao sexo. A maioria (15) dos sujeitos estão em situação de desemprego e 7 já atuam na área da Educação Física como estagiários em academia ou professores efetivos em escolas. Os outros trabalham em áreas diversas, como música, serviço público e gerente de pizzeria. Apenas 1 não respondeu qual sua ocupação profissional atualmente.

16 acadêmicos cursam o 8º período e os outros 12 estão no 7º período da graduação de Licenciatura em Educação Física na ESEFFEGO.

Categorização

Quando realizada a seguinte pergunta aos pesquisados “Em qual campo profissional (ou com quais práticas) da Educação Física você vislumbra trabalhar após a conclusão da graduação e quais fatores levou em conta para a escolha do mesmo? ”, as respostas foram que 11 têm interesse em trabalhar com a EF escolar e destes 2 querem trabalhar ao mesmo tempo com natação, 1 com pesquisa científica nas universidades e 1 se interessa na área escolar se a contratação for através de concurso público, pois leva em conta a remuneração que terá e estabilidade.

Sendo assim, praticamente metade dos pesquisados que estão prestes a graduar no curso de se identificaram com a formação oferecida na universidade e pelo campo ao qual o licenciado em educação física escolar tem autorização para trabalhar. O aluno que respondeu ter interesse em atuar com pesquisas em universidades possivelmente teve acesso à Iniciação Científica na graduação, que segundo o PPC da ESEFFEGO:

Tendo como uma de suas missões o desenvolvimento de uma política universitária ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão, a Universidade Estadual de Goiás, por meio de sua Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, vem desenvolvendo projetos de iniciação e investigação científica inteiramente em conformidade com as normas das agências de fomento nacionais e internacionais. (PPC ESEFFEGO, 2015, p. 49)

Logo, os projetos de pesquisa são uma forma do aluno iniciar na investigação científica e se inserir na prática deste campo de atuação. Não são todos os alunos que têm a oportunidade, interesse e disponibilidade de participar de projetos de pesquisa na ESEFFEGO, já que têm outras demandas durante o período de graduação e em alguns casos não tem professores o suficiente para coordenar e orientar todos os alunos da universidade para atuarem na IC (Iniciação Científica). Sendo assim, é muito relevante para a faculdade

ter alunos formando com interesse em trabalhar como pesquisadores e esta iniciação acontecer na própria universidade.

5 responderam que se interessam pela educação especial, sendo que 1 desses quer atuar com a natação neste campo. Levando em consideração que a maior experiência que os alunos têm na educação especial ser durante o Estágio III, segundo a matriz curricular 2015/2. Foi possível constatar que as vivências oferecidas durante a graduação têm papel relevante na escolha do campo de atuação profissional dos professores em formação.

Na medida em que os alunos têm acesso à experiências práticas e campos que a educação física se propõe a estudar, maiores são as oportunidades destes transformarem e interferirem na realidade em que se encontram enquanto sujeitos. A resposta da aluna do 7º período pode justificar esta observação quando a mesma diz que tem interesse em trabalhar com:

“Natação com pessoas com deficiência, para bebês e crianças. As vivências dentro da faculdade levaram a criar uma afeição por estes campos”.

Isto só comprova que as propostas oferecidas na universidade têm grande relevância na escolha da área de atuação dos alunos dos últimos períodos.

7 pessoas querem trabalhar fora da área escolar, sendo que: 4 com musculação, destes, 1 afirma já trabalhar nesta área e 2 querem atuar com iniciação esportiva. Apesar de apenas 1 aluno afirmar que já tem experiência na área da musculação, é muito comum que, os interessados em atuar com as modalidades do “mundo fitness”, tenham experiência em academias ou espaços específicos para estas práticas, como a ginástica artística e outros esportes.

Uma das alunas responde que deseja atuar:

“Professora fora do ambiente escolar (professor de natação e etc), os fatores que levaram a esta escolha foi a não adaptação ao ambiente escolar”

Nestes termos, possibilitar aos alunos que conheçam a versatilidade de atividades e campos pode auxiliá-los a descobrir com quais áreas da Educação Física não tem afinidade.

1 deles gostaria de trabalhar com todas as áreas possíveis, pois considera a área muito ampla, esta afirmação faz sentido, lembrando que o foi dito no texto, pois a Educação Física tem várias oportunidades de atuação diferentes. Prova disso são as diversas práticas que vivenciamos durante a formação.

2 não querem trabalhar com a EF e somente um destes justificam a sua resposta, dizendo não suportar mais o ambiente da universidade, mas sem maiores informações.

2 dos pesquisados querem servir ao corpo de bombeiros, acreditamos que a formação em educação física possa contribuir para o trabalho destes, pois uma das exigências da profissão é que o sujeito tenha curso superior completo. Além disso, um deles afirma que o “conhecimento do corpo” também pode auxiliar nesta profissão.

Para a pergunta sobre os mesmos terem conhecimento de alguma PCA “Você já teve contato com as Práticas Corporais Alternativas (por exemplo: yoga, tai chi chuan, reiki, thetahealing, meditação)? Já praticou alguma delas? Se sim, qual? ”, 10 pessoas afirmaram não conhecer ou ter praticado alguma Prática corporal Alternativa.

Dos 18 estudantes que informaram já ter obtido o contato com estas práticas 12 praticaram ou conhecem a yoga, destas, 2 conhecem também o reiki; 2 sujeitos conhecem o thetahealing, o que confirma o fato exposto anteriormente no texto, de que estas práticas e terapias costuma ser praticadas e oferecidas simultaneamente e o yoga é a prática mais conhecida a através da mesma as outras ganham espaço.

1 afirma ter vivenciando em aulas da faculdade, mas não especifica qual prática ou em qual situação; 6 alunos conhecem o reiki, é uma delas é reikiana (aplica a técnica em outras pessoas) e como não foi constatada a presença desta técnica ou estímulo à busca da mesma na universidade durante a pesquisa realizada, supomos que esta capacitação foi realizada em alguma escola ou espaço que oferece estes cursos. A mesma não informou mais detalhes sobre como foi sua busca por esta terapia.

2 pessoas destas 18, tentou aprender sozinha em casa ou com vídeos na internet, sendo que uma aluna do 7º período afirma ter vivenciado na faculdade respondendo:

“as práticas foram no campus da faculdade mesmo, dentro das próprias aulas onde alguns professores davam essas práticas e por oficinas que foram ofertadas durante eventos realizados na faculdade”.

Ou seja, em alguma medida as PCAs estão sendo introduzidas durante a formação de professores. Logo, em algum evento ou projeto que a universidade ofereceu, estas práticas foram ofertadas, mas fica o questionamento se em uma oficina seria suficiente ter uma ideia suficiente das práticas alternativas para se integrar desse conhecimento. Porém, nesta resposta não é especificado em que aulas a universidade propôs esta vivência a este aluno para que analisemos em que situação ocorreu esta aproximação do sujeito com as PCAs.

A maioria deles afirmou conhecer a yoga, o que já era esperado, em vista que, das PCAs, esta é a prática mais conhecida e apresentada pela mídia.

A fim de investigar se e como a universidade interveio no acesso dos alunos a estas práticas alternativas, questionamos se “Durante sua graduação em Educação Física, você teve acesso às Práticas Corporais Alternativas? Se sim, como e onde se deu? Se não, você gostaria de ter vivenciado as mesmas?” As respostas foram que: 21 afirmam que não tiveram nenhum acesso às PCA’s durante a graduação, isso deixa claro que a 75% dos alunos que responderam não ter acesso a este conteúdo através da universidade.

Dentre eles: 13 gostariam de ter vivenciado, e destes 1 aponta que “seria interessante se a faculdade oferecesse”, 1 gostaria de ter conhecido o thetahealing e 1 considera relevante se houvesse acesso aos conteúdos sobre yoga. Ao analisar tais respostas percebemos que alunos do curso de Educação física que conhecem as PCAs fora da universidade, já que eles citam algumas práticas em suas respostas, consideram relevante que a universidade ofereça este conteúdo aos seus acadêmicos. Um aluno do 8º período respondeu:

“Sim. Creio que na área da Educação Especial pode ser muito útil, além de se tratar de uma área pouco explorada pelos acadêmicos de educação física.”

A maioria dos alunos afirma a relevância das práticas corporais alternativas serem apresentadas durante a graduação, pois se interessam por este assunto e consideram que o período da formação inicial é uma grande oportunidade para experienciar estas opções disponíveis também no campo da Educação Física enquanto possibilidade de intervenção.

7 responderam tiveram acesso às PCA’s durante a graduação, destes: 1 afirma ter conhecido no Centro de Livres Artes do Bosque dos Buritis, que segundo a pesquisa de onde originaram as inquietações desta pesquisa, é um espaço muito procurado para a realização de tais práticas e reunião de grupos para aulas de yoga, dentre outras. Os outros 6 afirmam que tiveram acesso na faculdade. Destes, 2 informam que foi na disciplina de dança I e apenas 1 diz que foi através de projetos da faculdade.

Isso implica uma questão, se as aulas da disciplina de dança estariam sendo apropriadas para oferecer um conteúdo que foge do que o objetivo da disciplina propõe. Surge também a reflexão de qual conteúdo estaria sendo abordado nas aulas da mesma para que as PCAs estivessem inseridas no conteúdo das aulas. Não foram especificados que

projetos da faculdade estariam abordando as PCAs e nem se foi por meio de projeto de extensão, pesquisa ou outros.

Também descobrimos que há atividades no campus que propiciam ao aluno se inserirem nesta área, como o “Yoga para Idosos” que oferece a possibilidade de dar aulas de yoga na prática à comunidade externa. Contramão a esta oportunidade, as vagas para atuar como monitores neste projeto são limitadas, em vista da quantidade de alunos por aula, logo não chega a ser uma oportunidade que pode ser oferecida à todos os alunos. Além disso, acredita-se que o projeto não é tão divulgado a ponto de uma quantidade de alunas se inscreva e se torne necessário processo seletivo para a escolha dos monitores.

A última pergunta se refere à perspectiva sobre estes estudantes da busca por alguma capacitação fora da universidade relacionada às PCAs. 12 responderam que não tem interesse em buscar curso de capacitação em alguma prática corporal alternativa, 2 destes justificam que seria por não ser a área que eles se interessam e 2 por não conhecer tais práticas. Coincidentemente a maioria dos alunos que não considera fazer um curso destes tenha como justificativa os dois motivos expostos acima, e afirmaram na questão 2 não conhecerem as PCAs.

A falta de interesse por já terem se definido em outra área de atuação faz sentido, já que um curso de capacitação, de yoga por exemplo, não é de fácil acesso para quem não tenha interesse em trabalhar com esta área disponha de tempo e dinheiro para realizá-lo. As duas justificativas podem pertencer à todos os que responderam “não” para esta pergunta, logo que o sujeito não conhece uma prática, ele vai se interessar por outras que já conhece e conseqüentemente seria mais viável investir em uma capacitação na área que já tem afinidade.

17 dos sujeitos fariam a capacitação de alguma prática alternativa, dentre estes: 2 já fizeram algum curso para aplicar as terapias reiki e thetahealing, 1 buscaria cursos das técnicas alternativas, como liberação miofascial ou quiropraxia e 4 dos que responderam que fariam um curso, escolheriam a yoga. A partir destas respostas fica claro que as pessoas que fariam um curso desses já tem algum conhecimento das práticas, devido os mesmos citarem elas. Uma aluna do 7º período responde que faria sim algum curso de capacitação das práticas corporais alternativas e afirma que é possível ter:

“um campo teórico maior pra poder trabalhar com as práticas corporais alternativas, a partir do conhecimento que se adquire” além de “sair um pouco do comodismo de sempre apresentar os mesmos esportes e práticas corporais dentro da Educação Física”

Logo, as PCAs podem ser consideradas um complemento na formação para aumentar o repertório dos futuros professores que a ESEFFEGO forma.

A possibilidade de os alunos considerarem se capacitarem para trabalhar com alguma PCA não foi explicada com detalhes pela maioria dos alunos. Somente algumas respostas foram específicas justificando este interesse devido a importância de aumentar o “leque” de capacidades para o currículo e de ter um conteúdo diferenciado diante os que são mais comumente oferecidos nas aulas de educação física.

As chances de os acadêmicos não buscarem nenhum curso destas práticas é explicada pela prioridade dada à outras atividades e o fato deles conhecerem melhor as mesmas. Outro fator identificado foi o difícil acesso que os cursos de capacitação das PCA's têm, pois segundo uma aluna do 8º período matutino, “essas práticas são inacessíveis financeiramente” e também não são cursos encontrados em qualquer escola ou centro de formação.

Estas foram as respostas dos sujeitos pesquisados que nos auxiliou a alcançar os objetivos deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o propósito de investigar como as Práticas Corporais Alternativas vêm sendo abordadas pelos profissionais da área da Educação Física em formação. Apresentamos as PCAs e o contexto em que foram introduzidas na sociedade, a partir de sua origem no oriente, em diferentes culturas e nos seus respectivos momentos históricos.

Com isto, verificamos por meio da nossa escrita que, como o próprio termo sugere “Práticas Alternativas”, estas surgem como uma alternativa não só no período em que ganham espaço no ocidente, ainda nos dias de hoje ainda se referem à um conteúdo que se difere das práticas mais exploradas pela Educação Física. Como por exemplo na Educação Física escolar, que já vem incorporando o desenvolvimento das Práticas Corporais Alternativas em seus conteúdos, apesar de maneira não consolidada.

O referencial abordado nos auxiliou a compreender melhor o universo que permeia as Práticas Corporais Alternativas, bem como alcançar os objetivos vislumbrados e a interface com a realidade pesquisada.

Apontamos que é inviável para a universidade oferecer as Práticas Corporais Alternativas, de maneira que o conteúdo seja trabalhado integralmente, para que os acadêmicos estejam capacitados a atuar profissionalmente com essa demanda. Também levamos em conta que trabalhar estes e outros conteúdos que o mercado oferece não é o objetivo e não está dentre as missões do curso de Licenciatura em Educação Física na ESEFFEGO. Porém, propiciar este diálogo por meio de projetos de extensão ou disciplinas de núcleo livre seria viável, a fim de que os alunos conheçam as Práticas Corporais Alternativas e caso tenham interesse e afinidade, busquem capacitação em outros espaços.

Este Trabalho de Conclusão de Curso serviu de parâmetro científico para identificar que as Práticas Corporais Alternativas continuam sendo pouco exploradas pela Educação Física. Além disso, temos o intuito de despertar o interesse nos acadêmicos do curso pela pesquisa e atuação com as Práticas Corporais Alternativas. Com isso, a Educação física tem uma demanda a ser atendida por profissionais interessados em explorar a fundo os desdobramentos estas práticas nas universidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTER, Danielle. **O mundo invisível da Física**. São Paulo, SP.

BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões**: Antiginástica e consciência de si. Editora Martins Fontes. São Paulo – SP. 1987.

BETTI, M; RANGEL-BETTI, I. C. **Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física**. Revista Motriz. Rio Claro - SP. 1996.

CARUSO, Victor. **A História do Yoga no Brasil**. Cadernos de Yoga. Ed. 26, ano VII, pp. 48- 52, 2010.

CESANA, Juliana. **Práticas Corporais Alternativas e a Educação Física**: Entre a Formação e a Intervenção. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2011.

CHARTIER apud, Roger. **A História Hoje**: Dúvidas, desafios, propostas. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 7 nº13 1994. P. 97-113.

COLDEBELLA, Auria de O. C. **Práticas Corporais Alternativas**: formação em Educação Física. Motriz, Rio Claro, v.10, n.2, p.111-122, mai./ago. 2004.

CORREIA, Abel. **Manual de Yoga**. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa, Portugal. 2010.

DRIGO, A. J. **O judô do modelo artesanal ao modelo científico**: um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do Habitus. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP. 2007.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (organizadoras). **Métodos de Pesquisa**. 1ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009

GOIÁS/UEG/ESEFFEGO. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Física**. Goiânia, ESEFFEGO, 2015.

GONÇALVES. Cleber. A; MELO, Victor. A. **Lazer e urbanização no Brasil**: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). Movimento. Porto Alegre, v.15 n.3 P.249-271. Julho/Setembro de 2009.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto et al. **As Práticas Corporais Alternativas como conteúdo da Educação Física Escolar**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 1319, jan./mar. 2013.

MENDONÇA, Maria Emília. **Ginástica Holística**: História e desenvolvimento de um método de cuidados corporais. São Paulo/SP: Summus/SESC, 2000.

NOGUEIRA, M. **Abordagem holística**: uma proposta para a enfermagem brasileira. Recife: Associação Brasileira de Enfermagem. 1986.

OLIVEIRA, Euller Gontijo. **Yoga em Goiás: entre Práticas e Representações Orientais em Goiânia.** Goiânia, GO: UFG, 2009.

OLIVEIRA, José Milton. **Tai Chi Saúde do Ser.** Secretaria de Estado da Cultura. Brasília, DF. 2009.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do ocidente.** São Paulo: Companhia das letras, 1990.

SANCHES, Raphael Lugo. **Curar o Corpo, Salvar a Alma: As Representações Do Yoga No Brasil.** Dourados, MS: UFGD, 2014.

SOUSA, Mônica. **A Psicossomática e o Reiki.** O Portal dos Psicólogos. Dezembro/2012.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão.** Campinas, SP: Editores Associados, 1998.

TEIXEIRA, Lucas de Souza. **O trabalho de corpo no Vocal UFC: Experiências e Reflexões.** Universidade Federal do Ceará. Teresina, PI. Outubro/ 2016.

TERRA, Janaina Demarchi; LORENZETTO, Luiz Alberto. **Práticas Corporais Alternativas.** Claretiano. Batatais – SP, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo. Atlas, 1987.

VIEIRA, Tony de Carlo. **O Reiki nas práticas de cuidado de profissionais do Sistema Único de Saúde.** Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. 2017.

APÊNDICE

(Questionário Aplicado com acadêmicos do 7º e 8º período)

QUESTIONÁRIO - PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E A FORMAÇÃO DOS
PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ESEFFEGO.

Idade:

Sexo:

F

M

Outro:

Ocupação atual

Atualmente está cursando

7º período

8º período

2 - Em qual campo profissional (ou com quais práticas) da Educação Física você vislumbra trabalhar após a conclusão da graduação e quais fatores levou em conta para a escolha do mesmo?

3 - Você já teve contato com as Práticas Corporais Alternativas (por exemplo: yoga, tai chi chuan, reiki, thetahealing, meditação)? Já praticou alguma delas? Se sim, qual?

4 - Durante sua graduação em Educação Física, você teve acesso às Práticas Corporais Alternativas? Se sim, como e onde se deu? Se não, você gostaria de ter vivenciado as mesmas?

5 - Você tem interesse em buscar algum curso de capacitação, fora da universidade, para trabalhar com as Práticas Corporais Alternativas? Justifique sua resposta.